

Cresce o número de reitoras nas grandes escolas de negócios

Della Bradshaw

Mais cooperativas, elas reúnem habilidades importantes para o estilo de administração moderno.

Há muitas expectativas em relação a Sally Blount, a primeira mulher a ser nomeada para assumir a reitoria de uma das maiores escolas de negócios dos Estados Unidos. No terceiro trimestre, ela assumirá o comando da Kellogg School, pertencente a Universidade Northwestern. Com isso, se tornará a reitora mais influente do mundo.

As mulheres podem precisar de coragem e determinação para acabar com a discriminação e atingir o topo de suas profissões mas, uma vez lá, suas habilidades de cooperação fazem delas melhores líderes. Ou pelo menos esta é a percepção.

Nos escalões mais baixos das empresas, a ideia de um estilo administrativo conjunto é visto como algo que mina a competência, afirma Ashleigh Shelby Rosette, professora assistente de administração da Fuqua School of Business da Universidade Duke. "Mas nos escalões mais altos de uma organização, é vista uma competência comprovada."

Essas conclusões são resultado de uma pesquisa conduzida pela professora Rosette juntamente com Leigh Plunkett Tost, um aluno da Fuqua School que está fazendo doutorado sobre como as mulheres líderes são observadas.

O estudo mostrou que em cargos de cúpula elas podem ser vistas simultaneamente como mais competentes e mais voltadas para as relações que os homens. Isso faria delas líderes mais eficientes que seus colegas do sexo masculino.

A pesquisa envolveu dois estudos. No primeiro, mais de 300 alunos da Fuqua School e da Universidade Northwestern avaliaram executivos-chefes dos dois sexos com base em artigos fictícios de jornais. As mulheres receberam avaliações mais favoráveis. O segundo estudo tentou determinar por que isso aconteceu, usando um segundo conjunto de alunos. Eles avaliaram as mulheres executivas como mais competentes porque elas se depararam com padrões duplos e superaram obstáculos excepcionais.

A professora Rosette é rápida em apontar que sua pesquisa, publicada no "Journal of Applied Psychology", lida somente com a percepção, mas em um nível pessoal ela acredita que a ideia de liderança competente está mudando. "Há 30 ou 40 anos, havia a atitude estereotipada de que a liderança era sinônimo do papel masculino. Hoje em dia é normal ser cooperativo. Eu acho que houve uma mudança na sociedade, as pessoas conseguem ouvir seus subordinados e colaboradores. Isso é algo que elas dão valor."

A nomeação pioneira da professora Blount é parte de uma tendência em crescimento de mulheres que alcançam o principal cargo das escolas de negócios. Na América do Norte houve uma onda de nomeações de mulheres nos últimos anos. Elas assumiram nas universidades de Miami e da Carolina do Sul e Loyola 's Sellinger School na, para citar apenas três. As reitoras nomeadas nessas escolas juntam-se a uma lista de mulheres extremamente experientes que ocupam cargos de chefia há anos. Alison Davis-Blake da Universidade de Minnesota, Carol Stephenson da Ivey School of Business, Linda Livingstone da Universidade Pepperdine, Judy Olian da UCLA Anderson School of Management e Carolyn Woo da Universidade de Notre Dame.

A professora Woo, reitora da Mendoza College of Business da Universidade de Notre Dame há 13 anos, afirma que as escolas de negócios estão atrasadas nessa tendência. Quatro das oito universidades da chamada "Ivy League"- Brown, Harvard, Pensilvânia e Princeton- já possuem mulheres na presidência. Segundo Woo, é por causa dessas nomeações que as mulheres finalmente romperam a barreira da credibilidade.

Sue Cox, reitora da Universidade Lancaster no Reino Unido há nove anos, acredita que há hoje mais mulheres ocupando cargos acadêmicos elevados, o que torna a nomeação de reitoras algo inevitável. "Quando entrei eu era a única professora da escola. Agora existem várias."

Embora seja uma das primeiras reitoras da Europa, a professora Cox viu o número crescer dramaticamente na última década. Além da Universidade Strathclyde no Reino Unido, as mulheres ocupam o principal cargo na Universidade Sabanci na Turquia, IEDC Bled na Eslovênia, Business School Lausanne na Suíça, Universidade Católica em Portugal e Skema Business School da França, criada através da fusão de duas escolas de negócios, a Ceram e a Lille School of Management.

Uma mudança de estratégia em muitas escolas de negócio também ajudou a promover as mulheres, afirma Alice Guilhon, reitora da Skema Business School. "Disciplinas como finanças eram vistas como muito importantes para alavancar a marca", diz ela. E são áreas dominadas pelos homens. Hoje em dia, os recursos humanos, as comunicações e as habilidades mais flexíveis têm uma demanda muito maior.

Mas embora ela diga que a nomeação de mulheres reitoras esteja "na moda", ela está convencida de que um estilo mais cooperativo é também importante. "Nós (mulheres) ouvimos mais. Temos as discussões e depois explicamos para todos."

É uma postura que se encaixa na estrutura hierárquica bajuladora do mundo acadêmico, afirma a professora Judy Olian da UCLA Anderson School of Management. "Eu acho que os reitores de sucesso, sejam eles homens ou mulheres, precisam estar à vontade para compartilhar suas decisões de liderança."

Essa postura de colaboração é sempre resultante da experiência, acredita Jenny George, que foi nomeada reitora da Melbourne Business School em outubro de 2009. Como as mulheres são minoria nas turmas de PhD e nos corpos docentes das escolas de administração, elas desenvolvem um estilo cooperativo ou persuasivo, afirma ela. "Essa postura é particularmente bem sucedida nas instituições acadêmicas."

Para Hildy Teegen, reitora da Darla Moore School da Universidade da Carolina do Sul, a globalização do ensino de administração tornará essas habilidades de colaboração ainda mais importantes. "Em geral, eu penso que as mulheres tendem a ter uma visão mais abrangente e estão mais confortáveis na área de formação e manutenção das relações. Elas usam essas competências para liderar suas escolas", diz ela.

Christina Ahmadjian, nomeada recentemente reitora da escola de negócios da Universidade Hitotsubashi no Japão, tem uma outra teoria. "As mulheres parecem ter uma inclinação maior para assumir papéis de 'boas cidadãs' em associações acadêmicas como a Academy of Management, publicações e comitês de universidades... Isso pode dar a elas mais experiência e uma maior inclinação para posições administrativas e de liderança."

Mas segundo a professora Olian, ainda existe um longo caminho a ser percorrido. "O número de mulheres reitoras ainda é muito pequeno em relação à escala das escolas de negócios."

Uma olhada nos dados recolhidos pelo ranking dos MBAs do "Financial Times" comprova suas preocupações. Nas dez maiores escolas de negócios do mundo, apenas cerca de 20% dos corpos docentes são formados por mulheres, embora isso tenha crescido nos últimos dez anos, quando esse percentual era de apenas 13%.

"Cabe a todos nós, homens e mulheres, colocar as melhores pessoas nos papéis de professor", acrescenta Olian. Quanto à professora Blount, uma reitora experiente da escola de negócios da Universidade de Nova York, acredita que a coisa mais importante que ela tem a fazer na Kellogg School é "prestar atenção."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 07 jun. 2010, Eu & Investimentos, p. D10.